

Prop. e Director  
CUNHA FERREIRA

# A LYRA

Editor Responsavel  
MARCOS E. CARVALHO

QUINZENARIO, LITTERARIO E NOTICIOSO

## HORAS DE TÉDIO

Portugal está atravessando a sua quadra de luto—o Inverno—.

E' hoje um dia de aborrecimento e tédio!

A chuva tamborila na vidraça e o frio corta enregelando as mãos... E eu, sentado a uma pequena mesa a contemplar o Infinito, sinto-me n'um d'esses momentos de desolação extrema, sem vontade de escrever cousa alguma, como que envolto n'um fumo espesso de uma tristeza infinita!

Começa o Inverno nevoeiro e gelido, e sobre a minh'alma sinto pairar tambem um inverno todo de tristeza e nostalgia!...

Pelo espaço infinitamente grande se desenrolam espessas nuvens pejudas de electricidade, tornando o céu immensamente plumbeo, como a côr do tédio!

Uma chuva de enterro, impertinente e

gelida, vae tamborilando na vidraça, n'um côro funeral de Requiem!...

Então, n'este pessimismo atróz a que me deixo arrastar, contemplo, n'um sonho vago, essa quadra feliz e ridente do verão, em que a abobada é immaculadamente azul, as flores se desdobram pela terra em dulçurosos beijos, e o sol, resplendente de luz, desenrolando os seus cabellos d'oiro, espargue por todo o ambiente purificado uma claridade macia e bôa.

Como é bello esse tempo!

Tudo, então, é vida na terra!

As horas tornam-se languidas, dormentes, como que se espreguiçando sob o calor benefico do Astro Rei, essa grande machina de oiro a girar no vácuo eternamente!

O mar é todo verde, de um verde-lacteo, e ondulado aqui e além, de espaço a

espaço, pelos beijos carinhosos da briza fagueira.

E a minh'alma queda-se, esvahida em gozos, n'este sonho vago, a ouvir o ritmo constante e cadenciado do mar, n'essas horas dulcissimas de verão!

De repente, o meu sonho evapora-se e, de novo, caio na realidade!...

A chuva de enterro, impertinente e gelida, continúa a entoar o seu negro Miserére... E' o inverno que chega com o seu sequito funeral e triste!

Eu, sentado a uma pequena meza, sinto-me n'uma d'essas horas tediosas de desolação; toda a alegria aborta e vejo pairar por sobre o meu sêr a densa nuvem de um pessimismo atróz! O dia é todo de aborrecimento e tédio!

O céu tem a mesma côr do tédio... immensamente espesso... immensamente plumbeo!...

## A LYRA

\*  
No pensamento mais rápido que o relampago, eu me dirijo, após, á minha terra, ao seio dos meus!

E quanta saudade... quanta nostalgia a espicaçar-me a alma!...

Agora, vejo-me conduzido ao «cenaculo particular», formado pelos meus amigos, a apreciar o seu espirito fino, quer em uma conversação banal, quer em uma conversação litteraria, onde se discute o verso, a rima, a prosa, o estylo!...

Agora, encontro-me no «Grupo Dramatico», a ensaiar, de colaboração com esses amigos intellectuaes, o «Premio do Crime», «O Judas em Sabbatho de Alleluia», «Os Irmãos das Almas», o «Nono não desejarás.» ou então, apontando as «Colicas do Matheus»... e entre tudo isto, uma satyra do Rodolpho, uma replica minha, uma das costumadas piadas do Rosario...

Ora, dando a minha fraca opinião sobre o sêr ou não sêr levado n'aquelle Grupo o vaudeville—Um rralbalde em Cami-

za—, ora, rindo-me gostosamente á custa do bom Adelino, que palestrava sempre sobre theatros e companhia de amadores... que digo eu?! A cousa de minima importancia passada entre nós, os intellectuaes, vem despertar-me uma saudade immensa. . . uma saudade funda!...

E triste e só, qual solitario monge, eu desejaría voar... voar por esse espaço infinitamente grande... voar ao seio da minha terra querida... ao seio dos meus amigos, bons, sinceros e verdadeiros, e, por mim, tanta vez lembrados n'estas horas de desanimamento que vem estender sobre mim o ampélite lutulento da amargura, atirando-me á dura realidade das cousas e dos sêres!...

\*  
E a chuva de enterro, gelida e pertinaz, continúa a entoar na vidraça o mesmo côro funeral de Requiem, annunciando o Inverno que chega com todo o seu sequito sombrio e triste de espessas e pesadas brumas!

Que dia de aborrecimento e tédio!...

*Cunha Ferreira*

Barcellos

### O ROUXINOL

(Continuação)

O rouxinol, pesado e triste, advinhando que iria deixar para sempre aquelles logares onde passou o tempo da sua infancia, ficou silencioso o dia inteiro, fitando demoradamente o rio, as arvores, o silvado e a orla roxo-azul do horisonte por onde giravam milhares de andorinhas.

A familia abandonou a casa á noitinha, tomando o comboio em direcção á cidade, e o rouxinol, triste e silencioso, n'um ultimo olhar enviou o derradeiro adeus a casinhola branca.

No dia seguinte, pela manhã, transpunham as portas da sua nova vivenda.

O primeiro cuidado foi arranjar o melhor logar para o rouxinol.

As crianças, contemplando o passaro, exclamavam n'um tom piedoso e com-

## IMPRESSÕES

passivo:—Coitado do  
nosso rouxinol! Como  
está triste... Já não  
canta como d'antes!..-  
--E era um desespe-  
ro atróz para toda a  
família vêr a pobre  
avesinha n'aquelle es-  
tado.

Os pequenos, tiran-  
do-n'ò da gaiola, en-  
chiam-lhe de beijos a  
cabecinha; as meni-  
nas aconchegavam-  
n'ò ao seio morno com  
o maximo desvelo, e  
o pobre infeliz sentia  
em suas azas quedas  
abundantes gottas de  
sentidas lagrimas.

D'ahi em diante re-  
dobraram os carinhos,  
nada faltando ao mi-  
sero cantor dos bos-  
ques; elle, porém, já  
não cantava mais, tal-  
vez para não augmen-  
tar o seu infortunio!...

(continua)

### SERVÍÇO DA ADMINISTRAÇÃO

Aos nossos collegas a  
quem enviamos este jor-  
nal, pedimos a honra da  
permuta.

\*  
Rogamos a todas as  
pessoas a quem fôrenvia-  
do este periodico e que,  
por alguma circumstan-  
cia, não nos queiram ob-  
sequiar com a sua assi-  
gnatura, o especial favor  
de o devolverem antes  
da publicação do tercei-  
ro numero.

No caso contrario serão  
considerados assignantes.

*Estava junto ao mar. O sol desceia  
Já quasi a confundir-se no horizonte;  
Na pallidez marmorea d'agonia,  
Batiam-me seus raios pela fronte.*

*Baixou...baixou...baixou...foi-se extinguindo  
N'uma doçura tal, n'uma fraqueza,  
Que começou funereo o mar bramindo...  
Prostrou-se em oração a natureza.*

*Surgiu a lua pallida, formosa,  
—Timida amante ao despertar de um sonho—  
E com seus raios estendeu, chorosa,  
Alca mortalha sobre o mar tristonho.*

*Assim fiquei por essa noite em fôra,  
Olhos no mar e o pensamento em ti!  
Assim estava quando veio a aurora,  
Depois, o sol que n'agonia vi!*

*Então desperto! Recordando tudo,  
Eu vejo apenas d'este amor as phases,  
Que a natureza, n'esse conto mudo,  
Mostrar-me veio até as nossas pazes!...*

A. C.

Barcellos, 8 de Abril.

## PHOTOTYPIAS

Não nos podemos furtar ao dever de registrar, n'esta secção, o nosso profundo reconhecimento de gratidão para com as formosas e gentis Barcelenses, pelo bom acolhimento dispensado a este pequenino jornal.

Por isso, pois, verdadeiramente desvanecidos com a subida honra que tivemos em occupar a sua attenção, aqui agradecemos penhoradissimos, essa amabilidade e gentileza que o bello sexo tão bem sabe caracterisar, sentindo-nos cheios de animo e coragem para continuarmos n'esta tenda onde moirejamos.

Assim deixamos á curiosidade das nossas amaveis leitoras a segunda phototypia.

### II

E' alta, elegante e subtilmente amorenada. Os seus olhos castanho-escuros, divinalmente bellos fazem lembrar, pelo seu brilho, coruscações de diamantes esbatidos pelo sol.

Nos seus labios pequeninos e rubros, ornados por duas filas de jaspelinas perolas, vive bailando um sorriso meigo, gentil, encantador, que seduz a todos os que se lhe approximam. Tem uma alma de extrema candura e um coração de bondade infinita, e vive mais perto do céo que qualquer um dos seus admiradores.

Amante da arte de Therpsycore, é uma eximia valsista. Ao vél-a passar de andar gracioso e breve, quem se não curvará ante os seus passos que lembram o desfolhar dos lyrios e das rosas?!

Não advinharam quem é?

*Lycio Peralta*

## NOTICIARIO

### THEATRO GIL VICENTE

No domingo proximo passado realisou a sua recita inaugural n'este theatro, o «Grupo Dramatico Musical Gil Vicente», d'esta villa, levando á scena as comedias—«A Ceia dos Cardeaes», «A Roca de Hercules», «Dois estudantes no prego», e «Doidas com juizo»—.

Tomaram parte os srs: Carlos Paes, Eduardo Martins, Antonio d'Azevedo, Eugenio Azevedo, Antonio Azevedo, Armando Sotto Mayor, Antonio Cardoso, H. Carmona, José Olympio, Alfredo Dias e a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Elisa Vinhas.

Todas as peças foram ad-

miravelmente desempenhadas pelos novos amadores que, senhores dos papeis que lhes foram confiados, conduziram o espectáculo com toda a correccão, trazendo a platêa em constante hilaridade e dando, assim, uma prova cabal da sua boa vontade e aptidões para a arte theatral.

Sala e camarotes achavam-se vistosamente ornamentados de camelias, tendo a abrilhantar ainda mais a sua agradável e singela decoração, as vistosas *toilettes* das distinctas damas Barcelenses.

Pelo nosso amigo Alvaro Costa foi recitada a poezia—*Carta a uma noiva*—que agradeou muitissimo.

Nos intervallos a *Tuna Barcelense* executou com maestria algumas peças do seu escolhido repertorio.

A' meia noite terminou, por entre palmas e risos, esta magnifica festa que aqui registamos com grande gaudio, erguendo um entusiastico *Bravo* á rapaziada do grupo.

### SALÃO AZUL

Fazem annos

Amanhã—o sr. dr. Miguel Pereira da Silva.

Dia 12—o sr.<sup>a</sup> D. Helena Amorim Pessoa.

Dia 13—o sr. Miguel Lemos.

Dia 14—o sr.<sup>a</sup> D. Laura Furtado d'Antas;

Dia 15—o sr. José Caravana.

Dia 16—o sr. Gaspar Faria Gayo.

Dia 17—o sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Peixoto Vieira.

Dia 18—o sr.<sup>a</sup> D. Candida Gomes Vinhas Machdo Paes.

Dia 19 o sr. dr. Manoel Nunes da Silva.

### PACIENCIA FEMININA

Formar o nome de uma dama Barcelense com as letras das palavras seguintes:

*Leque Branco Quando Dizia Duro!*